

**Discurso para a Cerimónia de Outorga do Título de Doutor Honoris
Causa a Jorge Carlos de Almeida Fonseca, Presidente da República
de Cabo Verde, pela Universidade Portucalense
16 de Junho de 2021**

Aqui chego, neste dia de Junho, Magnífico Reitor e ilustríssimos Professores, a esta que é a vossa casa do saber, por onde gerações de estudantes desta invicta cidade, do vosso país inteiro e de várias partes do mundo têm passado, na busca de competências e conhecimentos para enfrentarem a vida adulta, dando assim vida e fundamento a esta nobre instituição de ensino, que Vossa Excelência dirige e onde os ilustríssimos ensinam.

Chego de longe, mas um longe que, para lá das fronteiras, perto fica e próximo se torna, graças a tudo aquilo que nos aproxima e une. O humanismo e a cultura, a pedagogia e a pauta dos saberes, constituem um acervo absolutamente transversal no desenho das aspirações dos povos. Sobretudo daqueles que historicamente partilham alguns espaços vitais da sua alma.

Venho desse lugar feito cultura e viagem, riso e sonho. Que da saudade e do isolamento secular o habitante fez a sua senda e moradia, e nela progrediu, sempre com os olhos no horizonte, como quem procura o eco do seu gemido primordial, melodia breve de uma canção ancestral, numa fala longínqua e encantatória.

É que, em verdade, não há cor, imaginária que seja, que não se exhiba nos olhos e no sorriso do meu país.

Não há dor, viandeira que seja, que não atravesse os caminhos sinuosos da pátria que se nos ofereceu, andarilha e vária. Livre das rugas do silêncio.

«Um país, hoje, de tão livre que, na sua elegante e serena caminhada, amiúde não reconhece a própria voz».

Aqui me inclino, perante vós, humildemente, pois que se nada fazemos, porque tudo nos impele, damo-nos conta, em momentos de conforto e calorosa simpatia, como este, que a nossa pegada pessoal, nesta corrida de obstáculos que é a vida, algumas vezes terá cruzado as linhas da sombra de um destino qualquer, ignorado por nós, obviamente, que se revela debaixo da nossa sola, e do qual nunca tivemos qualquer sinal nem ouvimos falar; do qual sempre desconfiámos, por entre a névoa da utopia, dos sonhos mais ingénuos, do riso imberbe, da paixão pela liberdade, da causa pública e cidadã, da democracia, do bem-estar dos nossos semelhantes, ou de uma simples paz familiar. Mas também distraído pela literatura, essa via láctea dos poetas, por onde erram incessantemente os vagabundos e andarilhos da palavra.

Trago comigo, pois, essas cores e formas que o vento desbota e o mar das nossas costas cinzela, nessas dez afortunadas ilhas, assim como o olhar e o riso de poema de quem vem cantando os dias nas marés e a esperança no pó dos caminhos. Mas trago também uma miríade de tons de castanho de rara beleza («É o castanho que faz belo o verde: ele é seu agente, seu cabeleireiro, sua onisciente *manicure*» - asseverou um poeta incomodado com pátria outra), pouco vistos, que despontam no meio azul do oceano, que alguns acreditam serem pingos de barro, das mãos laboriosas do Criador, sacudidas após a árdua e singular tarefa. A dar razão a quem alvitrou ter Cabo Verde nascido com a criação do mundo, nós, os ancestrais nossos, a música e as montanhas, os ventos, os magníficos répteis, as cores e a poesia sussurrada, Hamán nenhum, as ancas de mel e búzios, o sorridente destemor dos homens.

O mundo de Sophia Mello Breyner que parecia criado na mesma Manhã em que se saudavam com alvoroço as coisa Novas.(«Descobrimento»)

Nos meus olhos podem também ver as ribeiras verdejantes que descem dos picos mais altos e cruzam o corpo da ilha-mãe, vulcões apagados ou

adormecidos em sonhos de paraíso, os areais que foram nossos cais de vida, ladeiras e sobrados das nossas cidades e a face alegre e generosa de homens e mulheres, que conversam nas praças e poiais das nossas aldeias, sobre as voltas do mundo e o destemor e a ousadia das novas gerações.

Nós, povo feito de encontros e de correntezas marinhas, fizemos da cultura nosso sangue, que vimos legando às novas gerações. Uma cultura aberta e inclusiva, mas que abraça igualmente o conhecimento, a cultura do saber, pois que assim fomos colhendo daqueles que a nós se juntaram, vindos da Europa, África e de outras paragens, trazendo consigo um pedaço da sua humanidade. Nela, nessa cultura, para os que o desconhecem, encontrarão estilos musicais do centro da Europa, chegados no século XIX, como a contra-dança e a mazurca, com os seus comandos em língua francesa, que ainda hoje se dançam em festas, em algumas ilhas.

Mas também as chamadas rabecadas, como o próprio nome indica, animadas com as rabecas, violas e violinos, também levadas daqui do vosso país e de outras paragens europeias. A morna penso que é sobejamente conhecida e sintetiza para os cabo-verdianos aquilo que o fado também é para os portugueses, de Coimbra e Lisboa, sobretudo. Posso falar também da dança do funaná ou da telúrica interpretação feminina do cantar-recital que é o finaçon, que evoca mais profundamente os sons e as vozes dos nossos antepassados africanos e o convívio das suas celebrações. Todas estas manifestações acompanharam a nossa diáspora para outros continentes e ali também sobrevivem, graças ao amor e empenho das novas gerações.

Dentre elas, minhas senhoras e meus senhores, estão os estudantes universitários e do ensino politécnico cabo-verdianos que, do Porto a Bragança, passando por Braga e Guimarães, viram nas universidades e nos politécnicos desta região norte uma nova opção e alternativa à tradicional Lisboa e Coimbra. São milhares de jovens, rapazes e

raparigas, que constituem umas das comunidades estudantis estrangeiras mais presentes nestes distritos. Aqui chegaram e se integraram, rapidamente, entre os milhares de estudantes, de muitas origens e latitudes, que levarão no seu coração, estou certo, a pronúncia, as paisagens e os sabores do Porto e do Norte de Portugal. Jovens que, acreditamos, possam vir a ser mais inteligentes e eficazes, mas também mais felizes, mais fortes e determinados na acção.

E das nossas letras fizemos também estrada, juntando a imaginação às voltas do quotidiano, à necessidade de revelar e contar agruras e alegrias, desejo e desolação: poesia e prosa, alguma igualmente escalavrada, revolvendo o húmus da terra, do braço e do cabo da enxada, de baías de pescadores e ruas animadas, de revoadas em chão de pé batido, do requebro no passeio pela marginal, dos vapores no horizonte, na escuna e nos porões da emigração. Na língua portuguesa, também passionalmente cultivada nas ilhas, revelaram-se poetas e prosadores, influenciados por nomes do lado sul do Atlântico, mas também destas regiões férteis na arte da palavra, que nos circundam, de onde o nosso idioma comum, descendo das terras da Galiza, começou a sua viagem para o sul. Para além de outros nomes, escritores como Almeida Garret, Camilo, Júlio Diniz, António Nobre, Miguel Torga, foram lidos e relidos nas ilhas, deixando a sua marca estilística na mente dos nossos homens e mulheres de letras. Para lá transportaram, nas suas páginas, essa harmonia íntima e fragrância muito própria desta região – e cidade, honrada pelos seus pergaminhos, como disse o Poeta da Montanha. Mas também mais recentemente, escritores como Agustina Bessa-Luís, Sophia de Mello Breyner ou Mário Cláudio, fazem sentir entre nós essa literatura de pedra, areia e sal, a marca dessa arte suprema que é a linguagem – a língua portuguesa no seu esplendor. «O ancoradouro que nos impede de naufragar. O ancoradouro que impede o poeta de naufragar...».

Cabo Verde e os cabo-verdianos são isto, excelências. É este o prumo e o esquadro das suas realizações, é tudo quanto temos para oferecer. Somos

a síntese do lastro do tempo, de partidas e chegadas, da terra trazida, do mar cruzado, do fogo da casa aquecida e do café da manhã, aonde sonhamos sempre voltar – de onde, em boa verdade, parece que nunca chegámos a sair. Aliás, ontem, hoje e amanhã, cremos, «... de Cabo Verde nunca se parte. Ausenta-se. Não precisamos, pois, de consolo ou preteccção de deuses quando uma ilha se aparta do nosso olhar saudoso. Nem angustiados ou combalidos nem em êxtase ou encantamento. Porque somos sempre ou merecemos, SIM, mar, sonhos, rima e música. Porque somos, afinal, no mapa que sobrevoa o mundo, os ventos e os nomes, “divino cabo”».

Seria fastidioso e longo falar-vos da gesta do povo que deu à luz este cidadão que agora vos fala, da gratidão que ele transporta e das sortes que o trouxeram até aqui, apoiado nos três braços que o sustentam e o apaixonam: a política, o ensino e a literatura, como as três pernas da panela de ferro ancestral. Pouco se pode fazer, pois é sabido que não somos nós quem escolhe os caminhos que vamos trilhar, na medida em que somos antes escolhidos por eles, e mais não temos do que deixar-nos levar, evitar qualquer gesto contrário à ordem natural das coisas ou desse caos organizado, onde estas vagueiam.

Apenas quero dizer-vos o orgulho pelo nosso processo inicial de formação como povo, condição de existência, desse primeiro povoamento lento e árduo no caldo de africanos e europeus, que basta olharem-nos com atenção para os encontrar. A nossa expansão pelas restantes ilhas do arquipélago, achadas nesse tempo de viagens oceânicas sem qualquer sinal de gente, evoca o tempo das secas, das fomes, doenças e mortandades – de quase perecimento de um povo. De 1460 a 1975 são quinhentos e quinze anos de miscigenação e uma história repleta de dor e alegria, de sonho e esperança, de luta e sobrevivência.

Mas aqui estamos prontos para habitar a substância do nosso tempo e nele realizarmos a felicidade que nos cabe e abrir as portas à harmonia e à paz, tão ansiada por muitos e vivida por poucos. Nestes tempos

obíquos e complexos que atravessamos, de clivagens sociais e populismos, que procuram evocar as diferenças e ampliar fossos entre pessoas, facilmente perceberão como a cultura identitária cabo-verdiana há muito que ultrapassou conceitos de cor e de raça. Graças ao seu processo histórico, podemos dizer que alguma parte daquilo que é a condição da Humanidade pôde ser reinventada no isolamento das nossas ilhas, durante quinhentos anos, na convivência solidária imposta pelas circunstâncias.

Foi essa cultura, temperada de vozes e hábitos diferentes, que nos deu corpo e forma, como nação, e nos ensinou a caminhar, livres, pelo mundo, sedentos de conhecimento. É verdade, temos o afã de conhecer povos e culturas, de nos reinventarmos noutros espaços, tal como os nossos antepassados, vindos de longe ou de perto, também o fizeram nas nossas ilhas, dando origem a esta mescla que hoje somos. Gente branca, negra, mestiça, cristã, judaica; escravos, senhores, comerciantes e aventureiros, contestatários, perseguidos, desterrados e marginalizados. As feridas devem ser apagadas como candeeiros e deixar que a claridade matinal destes novos dias nos sirva de chão bom para o nosso caminho. Somos tudo isso e aquilo que nos caberá ainda ser, na permanência e no sonho. E assim nesta coisa imaterial, neste invólucro de sentimentos e ressonâncias, designada por cabo-verdianidade, vamos seguindo a correnteza do rio do tempo, carregando o lastro de antigas e nobres civilizações, vivendo a nossa história, numa paz nascida da verdade e da justiça, sem vencedores nem vencidos.

Magnífico Reitor, ilustres professores, caros amigos

As ilhas de que vos falo e de onde chego, também foram povoadas por gente ida daqui desta região nortenha, que com ela levou o modo de ser tão particular e arrojado; a vontade férrea de transformar paisagens, de

construir e vivificar, de moldar o mundo e torná-lo mais tangível. Nos recantos destas dez ilhas, sobretudo naquelas mais agrícolas, ainda hoje encontramos essa capacidade de resistência e ambição, nos socalcos escavados e cultivados pelas encostas das montanhas, na resiliência e no empenho, na arquitectura tão peculiar das aldeias, igrejas e edifícios públicos, deste norte poderoso.

Mas também na atitude e no carácter, formados ao longo de séculos de uma determinação inabalável, nos seus valores e tradições familiares, na força e no empenho, que identificam os homens e mulheres desta região. Com tudo isso, vem também a capacidade reivindicativa e o carácter inconformista dos homens e das mulheres desta cidade capital do Norte e o seu legado na construção do país que é Portugal. Também nós herdámos esse lado indomável e amante da justiça e da liberdade, daqueles que nunca se vergam e fazem dessa rectidão um sentido de vida e da palavra. A cidade invicta e a região nortenha não deram apenas corpo às ideias de um Portugal progressista e da modernidade, pois que estas também se expandiram para outros territórios, como as nossas ilhas de Cabo Verde.

Os chamados Bravos do Mindelo - que não muito longe daqui, nessa manhã de Julho de 1832, desembarcaram para impor novos rumos e outros caminhos no governo dos homens -, desencadearam uma mudança nos hábitos e pensares, projectaram o futuro e a justiça, a equidade entre as pessoas, fazendo delas cidadãs. Os seus efeitos propagar-se-iam também pelas nossas ilhas, não apenas na toponímia, no baptismo da segunda cidade do arquipélago, a nossa cidade de Mindelo, na Ilha de São Vicente, em homenagem ao histórico desembarque, mas também na disseminação das novas ideias e do ideal de uma Carta Constitucional, que o povo das ilhas via com bons olhos e resposta para muitos dos seus problemas.

Esta seria bem acolhida no território, bem como todo o seu conjunto de princípios liberais e humanistas, que abriam caminho para um novo mundo, uma nova sociedade, um novo futuro. Ao longo da história das

ilhas de Cabo Verde, esta terá sido uma época particular, de acontecimentos fracturantes, acompanhados de grande agitação política, com enormes impactos na vida cultural, social e política das ilhas.

A vitória das forças liberais, na revolução que começou nesta cidade, levaria à implantação do ensino laico, da imprensa livre e à criação de bibliotecas públicas. Da Constituição liberal sairiam as respostas a vários problemas que o povo das ilhas enfrentava, bem com a garantia a estes cidadãos de certos direitos e liberdades, em plena igualdade, como o de dispor livremente das suas propriedades; de poder falar e escrever sem censura prévia, a abolição da escravatura e dos castigos corporais e o fim da confiscação dos bens; também o estabelecimento de um direito de voto que, apesar de dirigido exclusivamente a varões que soubessem ler e escrever, era um primeiro passo na sua longa caminhada para se tornar, com o tempo, universal.

Entre as várias pessoas oriundas desta região Norte de Portugal, que se destacaram, neste século XIX e inícios de XX, nas ilhas, contam-se dois naturais de Braga, e que são o comerciante, deputado e renomado político Manuel António Martins, e o cônego António Oliveira Bouças, último Vice-Reitor do Seminário-Liceu de São Nicolau, onde se formou a primeira elite intelectual das ilhas.

A influência portuguesa no nosso pequeno país é uma das marcas culturais incontornáveis, que se prolonga por mais de cinco séculos. Também aqui podemos destacar o fervor religioso e a adopção dos valores cristãos levados pelos primeiros portugueses e de imediato aceite entre o povo mestiçado, que se foi formando com o encontro de culturas diversas, como já referi anteriormente, um pouco por todas as ilhas. As procissões e os cânticos seguiram a tradição das terras mais agarradas à fé, em especial desta região Norte. Mas também outras manifestações culturais que se perdem na noite dos tempos, como as cavalhadas, corridas de cavalos e provas de destreza, legadas pelo tempo medieval e que passaram às ilhas, com a chegada das caravelas. Ainda hoje estas festas

são um cartaz de visita de algumas ilhas, como na do Fogo, São Nicolau ou São Vicente, fazendo parte do seu calendário.

Também poderia evocar os tamboreiros das ilhas de Santo Antão, Fogo, São Nicolau, entre outras, cujo rufar enraíza nestas terras antigas, feitas de granito e vento, nos gestos populares das festividades anuais, assim como as técnicas de fabrico ancestral destes instrumentos. São as mesmas que ainda hoje podemos encontrar nas aldeias do Minho e do nordeste transmontano. Gente habituada ao ritmo do cultivo da terra, do pastoreio, sem dispensar as suas romarias festivas.

E assim como nós, cabo-verdianos, os portugueses de uma forma geral e particularmente as gentes do Norte, também demandaram o mundo em busca de melhores condições de vida. Levaram com eles a sua maneira de estar, a sua visão das coisas, a sua cultura, a sua música, a sua literatura, a ambição e o ensejo de poder dar um futuro melhor às suas famílias. Ambos os povos demandaram também o mar, como parte de tripulações de marinheiros e de pescadores, por este mar que os abrange e que foi sempre a última e a primeira fronteira, espaço de realização e de contemplação - de passado e de futuro. Nas costas da América ou noutras paragens mais remotas, cabo-verdianos e portugueses aprenderam a tecer as linhas da vida e fazer delas coordenadas de uma viagem da descoberta do outro. Como tão bem retratou a poeta visionária das coisas visíveis, Sophia de Mello Breyner Andresen, que no areal da praia da Granja aprendeu a soletrar esse mar demasiado unânime para nos poder dividir, impossível de nos furtarmos aos espelhos da sua bruma, à sua face múltipla e cintilante.

Este é o mar inteiro que ela, mulher nascida e criada na fina-flor da cultura elevada desta cidade, descobriu muito cedo e de que aprendeu os segredos das navegações. Assim como a desocultar o outro, para que nos possamos igualmente olhar e vermos nos seus olhos aquilo que também somos. E neste momento particular, que é também de encontro ou de reencontro, neste salão onde amavelmente sou recebido e vos falo, sinto-me igualmente tentado a deixar-me levar pelas suas

palavras, como todos os que se sentem também crescer e valorizados como pessoa nos versos desta poeta, que nos guiam pelas geometrias exactas do destino: barco, pedra, obscuro, a nomeação das coisas e do mundo, que também nós, o povo das ilhas, vimos fazendo, ao longo desta nossa trajectória, escrevendo o nosso próprio poema. E podemos acreditar que, se o amor salva pela impotência, sua litúrgica fragilidade, apenas a poesia poderá salvar definitivamente o mundo.

Venho aqui, hoje, Magnífico Reitor, na minha mais fina humildade, ser objecto desta vossa distinção, nesta casa do saber que leva o nome primordial do condado que à luz foi dando este país, que, fazendo do fado a fortuna, soube crescer e acrescentar nomes a cabos, baías e seladas; povoar terras e fazer comércio, deixar as sementes que depois, à custa do sonho e de ancestral resiliência, fomos agregando, regando e podando e assim construindo o espaço vivo e o tempo que é nosso e em que habitamos. É também com o calor da presença desse punhado de homens e mulheres, nas ilhas e na diáspora - que soube sempre viver entre a sabedoria e o amor -, gente simples e arredia a ginásticas verbais, que aqui estou. Descansamos o pensamento de quaisquer filosofias ou construções, vaidades subtis, que não sejam o amor e a gratidão. Que não seja também a pergunta sobre quantas pessoas salvámos da tristeza e do sofrimento, quantas ajudámos a salvar da tirania e da anulação, que é o que mais nos vale nesta vida.

Resta sonhar que fazemos a felicidade de outros de forma a desprendermo-nos do supérfluo e a sentirmo-nos libertos. E assim, tornar perene o desejo da liberdade. O imperativo da Liberdade, como no-lo proclama desta forma singelíssima Miguel Torga: «Parece infantil, mas é verdadeiro. Sem ela, é que nada é feito». Ou, sem querermos repetir-nos, com Breton, no seu manifesto de 1924 («A simples palavra liberdade é tudo o que me exalta ainda»), tomarmos de empréstimo estes versos de poeta das ilhas: Liberdade: o Hino que trago dentro de mim, qual folha não aparada de um livro, sempre pronto à chamada para uma ansiada e sempiterna celebração.

